

# INTERFERÊNCIA LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA CHANGANA

LINGUISTIC INTERFERENCE OF PORTUGUES IN CHANGANA  
LANGUAGE

LA INTERFERENCIA DEL IDIOMA PORTUGUÉS EN EL IDIOMA  
CHANGANA

*Marta PEDRO\**

**Resumo:** O contacto de línguas entre vários povos faz parte da história linguística e social da maioria das comunidades do mundo (GONÇALVES; CHIMBUTANE, 2015). Dos vários aspectos, as línguas influenciam-se entre si através de aparecimento de alguns traços de uma língua no discurso de falantes da outra língua. Perante esta situação de contacto linguístico é impossível não se verificarem casos de interferência linguística. Baseado na pesquisa bibliografia e técnica de entrevista não estruturada este trabalho estudou a interferência do português na língua Changana nas áreas sintáctica e semântica. Os resultados desta investigação mostram que no Xichangana, do ponto de vista semântico, os efeitos do português por intermédio da preposição *para* são somente de movimento com a tendência para um fim/propósito em referência à noção. Igualmente, sob o ponto de vista sintáctico, os dados indicam que a preposição *para* é um introdutor do complemento frásico.

**Palavras-chave:** Interferência; preposição; língua Changana; Português.

**Abstract:** Language contact among various peoples is part of the linguistic and social history of most of the world's communities (GONÇALVES; CHIMBUTANE, 2015). Of the various aspects, languages are influenced among them by the appearance of some traits of one language in the discourse of speakers of the other language. In the face of this situation of linguistic contact it is impossible to avoid cases of linguistic interference. Based on the research literature and unstructured interview technique this work studied the interference of Portuguese in the language Changana in the syntactic and semantic areas. The results of this research show that in Changana, from the semantic point of view the effects of the Portuguese by means of preposition to are only of movement with the tendency towards an end / purpose in reference to the notion. And syntactically the preposition for is an introducer of the phasic complement.

**Keywords:** Interference; Preposition; Language Changana; Portuguese.

---

\* Graduada em Linguística pela Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique), Investigadora colaboradora no ARPAC- Instituto de Investigação Sócio-Cultural-Moçambique. Contacto: matsimbemarta@gmail.com.

**Resumen:** El contacto de idiomas entre varios pueblos forma parte de la historia lingüística y social de la mayoría de las comunidades del mundo (GONÇALVES y CHIMBUTANE, 2015). De los diversos aspectos, las lenguas se influyen entre sí a través de la aparición de algunos rasgos de una lengua en el discurso de hablantes de la otra lengua. Ante esta situación de contacto lingüístico es imposible que no se produzcan interferencias lingüísticas. Basado en la técnica de la literatura de investigación y entrevista no estructurada este trabajo estudió la interferencia de los portugueses en el idioma Changana en zonas sintácticas y semánticas. Los resultados de esta investigación muestran que en Changana, el punto de vista semántico los efectos de los portugueses a través de preposición se mueven sólo con la tendencia a su fin / propósito en referencia a la noción. Y sinteticamente la preposición para es un introductor del complemento frásico.

**Palabras clave:** Interferencia; Preposición; Lenguaje changana; Portugués.

## Introdução

Moçambique é um país que possui uma grande diversidade linguística onde as línguas nativas coexistem com línguas de origem asiática e europeia, sendo, neste caso, inevitável o contacto entre elas. Diante deste fenómeno, é, por sua vez, impossível evitar os casos de interferências linguísticas.

É perante esta situação de interferência que neste trabalho analisamos a interferência da preposição “para” na língua Changana, tendo como objetivos, indicar as mudanças semânticas e indicar a(s) função(ões) sintática(s) que esta preposição desempenha na estrutura sintática da língua alvo. A análise dos dados permite-nos chegar a algumas possíveis razões que facilitam a integração desta unidade linguística do português no Xichangana e as alterações sintáticas por ela provocadas. O trabalho é dividido em cinco (5) partes, cabendo à primeira a introdução. Na segunda parte, apresentamos os pressupostos teóricos onde definimos interferência linguística e preposição. Apresentamos, também de forma resumida, as propriedades semânticas e sintáticas da preposição na língua portuguesa. Na terceira parte, apresentamos a metodologia seguida para a recolha de dados e o perfil da população-alvo do estudo. Na quarta parte, apresentamos a análise de dados. Na quinta e última parte, apresentamos as conclusões, em que destacamos as possíveis razões que facilitam a integração da preposição em causa na língua Changana.

## **Caracterização da Língua Changana**

É uma língua bantu, moçambicana, falada na zona sul do país, concretamente nas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane e na zona meridional das províncias de Manica e Sofala. Segundo Guthrie (1967) citado por Ngunga (2012), esta língua pertence ao grupo Tswa-Rhonga (S.50) tendo como classificação **S.53** (língua Changana). De acordo com os dados do censo populacional de 2007 de Moçambique, extraídos do INE (2010) por Ngunga e Faquir (2011), estima-se em 1.660.319 o número de falantes da língua Changana.

### **1 Pressupostos teóricos**

Em uma comunidade linguisticamente heterogénea como a nossa, tendo em conta o estatuto que foi atribuído à língua portuguesa, assim como o poder da língua inglesa, é comum ouvir alguém, ao falar Xichangana, usar palavras do português e inglês assim como palavras do Xichangana no português, o que os linguistas e sociolinguistas entendem por interferência linguística.

Sobre este fenómeno, Ngunga (2012) refere o seguinte:

[...] interferência linguística pode definir-se como um fenómeno que consiste na utilização numa língua de traços característicos de uma outra língua devido à incapacidade de o sujeito falante produzir correctamente um som, uma palavra, expressão ou uma frase de língua não materna (Ln1), ou na atribuição a uma palavra, expressão ou frase, de um sentido que faz lembrar a tradução literal de algo análogo na língua materna. Trata-se de um fenómeno que tem, iminentemente, motivação externa (HOCH, 1991), isto é, que ocorre em situações de contacto de línguas, sobretudo na fase inicial da aquisição de uma língua não materna (NGUNGA, 2012, p. 8).

Nesta definição, entendemos por interferência linguística um processo unidirecional no qual são transferidos somente traços, expressões ou frase da língua materna (L1) do falante para a L2 em fase de aquisição da mesma. Isto significa que para o nosso caso, tendo em conta que se trata de alguém cuja língua materna (L1) é Xichangana, este transfere traços característicos do Xichangana para o Português, o que não é o nosso caso, pois, concordando com Weinrich (1953) citado

por Ngunga (2012, p. 8), verifica-se que a interferência linguística pode acontecer tanto através da presença de traços de uma L1 na língua não materna (L2), como através da presença de traços de L2 na L1.

Portanto, podemos definir interferência linguística como o uso de traços característicos (palavra, expressão ou frase) de uma língua numa outra como consequência da familiaridade com mais de uma língua.

De acordo com Cunha e Cintra (2006):

Preposições são palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado pelo segundo (consequente) e a relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento ou não; melhor dizendo, pode exprimir um movimento ou situação daí resultante (CUNHA; CINTRA, 2006, p. 374-375).

Segundo Gonçalves e Chimbutane (2015), citando Radford *et al.* (1999), palavras funcionais – uma classe na qual fazem parte as preposições – são palavras que não veiculam significado específico, são definidas de acordo com a função que desempenham na frase.

No primeiro caso, podemos ver que se trata de uma definição morfológica, uma vez que os autores nos falam da invariabilidade destas palavras e por fim apresentam as suas funções sintáticas. Este critério é de certa forma problemático pois, concordando com Xavier, citado por Silva (2003), algumas preposições do ponto de vista sintático podem variar da sua categoria sintática. Por exemplo:

- (a) O governo sempre chumba as propostas da oposição mesmo antes de serem colocadas. Na verdade, todo *contra* nunca se dá tempo para ouvir o outro. Simplesmente vota *contra* tudo.

O primeiro “contra” tem a função sintática de sujeito frásico, isto é, é o núcleo do sintagma nominal [todo contra] enquanto o segundo é núcleo preposicional [contra tudo].

A segunda definição parece-nos mais esclarecedora, sendo a que vamos usar neste trabalho.

## 2 Metodologia

Para a recolha de dados, deslocamo-nos para a província de Gaza no distrito de Bilene-Macia, nas localidades de Vuthu e Loane (localidades onde a maior parte da população só tem o nível primário do currículo em uso) e para o bairro de Maxaquene, Distrito Municipal KaMaxakeni, na cidade de Maputo. Por meio de entrevistas não estruturadas, conversamos em Xichangana com pessoas analfabetas<sup>1</sup> e bilíngues<sup>2</sup> – ou que fossem escolarizadas, mas que tivessem apenas o primeiro nível (5ª classe) do ensino primário – e destas entrevistas, fizemos a selecção de algumas frases que contêm a preposição “para”.

## 3 Apresentação e análise de dados

No que diz respeito à apresentação de dados, trazemos um quadro dividido em três colunas: na primeira coluna, apresentamos as frases do Xichangana que têm a preposição em causa “para”; na segunda, apresentamos apenas a tradução das frases da coluna 1; e, por fim, na terceira coluna, apresentamos as mesmas frases em Xichangana sem a preposição.

Das entrevistas feitas, seleccionámos as seguintes frases, dispostas no Quadro 1:

Quadro 1 – Uso da preposição “para” em construções da língua Changana.

Xichangana (com a prep.)	Português	Xichangana (sem a prep.)
1. Nivitanile Maria para atayaka mati.	‘chamei a Maria para ir buscar água’	Nivitanile Maria akuva atayaka mati.

<sup>1</sup> Entende-se por analfabeto, o indivíduo que não sabe ler nem escrever; quem não possui instrução formal ou desconhece o alfabeto. (Dicionário *Online* de Português). Esta definição é problemática para uma comunidade como a nossa, pois, concordando com Jorge Ferrão, actual ministro da educação, falando em uma entrevista à revista *Somos Cultura* (2015, nr. 1, p. 6-8), “*temos, no nosso país, pessoas que sabem ler e escrever o português, mas não sabem nem uma nem outra ao pelo menos uma língua bantu, da mesma forma que temos indivíduos que leem e escrevem em Xichangana, por exemplo, mas que não possuem o mesmo em português*”. Então, que língua servirá de critério para chamarmos alguém de analfabeto, atendendo e considerando que Xichangana está sendo usado no actual ensaio ao ensino bilíngue? Portanto, neste trabalho, usamos esse conceito para designar alguém que não possui as duas habilidades em nenhuma língua.

<sup>2</sup> Vide Appel e Muysken, 1987

2. Nilava para usiyela Xihwa mpunga.	quero deixar para Xihwa arroz' (quero que deixe o arroz para Xihwa)	Nilava akuva usiyela Xihwa mpunga.
3. Maria ayendla hi nkwasvu para atsakisa nuna.	'Maria faz tudo para fazer agradar o marido' (Maria faz tudo para agradar o marido)	Maria ayendla hi nkwasvu akuva atsakisa nuna.
4. Umuvitana para akuva atahinyenyentsa ntsem.	'estás a chamá-lo(a) para para vir chatear-nos só'	Umuvitana akuva atahinyenyentsa ntsem.
5. Maria asvekilile huku para nuna.	'Maria cozinhou galinha para o marido'	Maria asvekelile nuna huku.

**Fonte:** elaboração própria

Sobre a preposição “para” em português, segundo Cunha e Cintra (2006), as expressões ligadas por intermédio da preposição “para” estabelecem um movimento com tendência para um limite, finalidade, direcção e perspectiva, em referência ao espaço, ao tempo e à noção, como nosseguintes exemplos:

- (b) Alguns estudantes só começam a estudar *lá para o fim do ano*.
- (c) Os meninos partiram *para a cidade*.
- (d) A senhora Xihwa fez tudo que podia *para dar alegria aos filhos*.

Na frase em (b), podemos ver que a expressão “lá para o fim do ano” marca o movimento com a tendência para limite em referência ao tempo, enquanto o movimento marcado pela expressão “para a cidade”, na frase em (c), pode ser interpretado como movimento com tendência para limite em referência ao espaço ou com tendência para direcção em referência ao espaço. Já na frase em (d), a expressão “para dar alegria aos filhos” o movimento tem a tendência para uma finalidade ou perspectiva com uma referência nocional.

Nas frases dos nossos dados, verifica-se que não temos nenhum caso em que a expressão ligada pela preposição “para” tem ou estabelece um movimento com tendências para um limite e uma direcção, ou qualquer movimento com referências temporal e espacial. Todas as expressões estabelecem um movimento final com referencial nocional, isto é, exprimem um propósito.

Segundo Siteo e Ngunga (2000) e Silva (2003), na língua changana, o movimento com a tendência para limite e direcção em referência ao espaço e tempo (e equivalem à preposição “para” em português) é marcado por partículas locativas *ka*, *eka* e *-enilini* em casos como:

(e) Xigangu xa Maria xiyile *ka Chissano*. = ‘amante da Maria foi para Chissano’

(f) Kondlo lingenile bolheleni. = ‘rato entrou na garrafa’

(g) Vajondzi vahiteka ngopfu kuheleni ka lembe. ‘os estudantes esforçam-se muito lá para o fim do ano’

Chimbutane (2015), por sua vez, afirma que os verbos de movimento *kuya* e *kuhuma* não só exprimem o movimento, mas também inclui na informação sobre “direcção-distino” –para o primeiro verbo –, “percurso” e a “direcção-origem” –para o segundo –, mas este não abrange sobre “origem” devendo, por isso, co-ocorre com um constituinte locativo com a função sintáctica de oblíquo (CHIMBUTANE, 2015).

Ora, a ideia apresentada por Chimbutane é a mais viável uma vez que, olhando para a natureza dos verbos de movimento em Xichangana (a maior parte das propriedades semânticas são inerentes ao próprio verbo), podemos ter construções gramaticais que não contêm os constituintes locativos apresentados por Siteo e Ngunga (2000) e Silva (2003), como por exemplo:

(h) Xiganguxa Maria xiyilejele.

Assim, a facto de os dados apresentarem apenas um tipo de movimento e o argumento acima dado permitem-nos até aqui afirmar que a preposição “para” sofre uma restrição semântica no Xichangana.

Segundo Mateus *et al.* (2003, p. 717), a preposição “para”, em português, é um dos conectores das orações finais que exprimem um fim ou um propósito e tem diferentes valores:

- É núcleo de um sintagma preposicional com a interpretação de meta. [Ex: comprei uma prenda para a Paula];
- É uma preposição reanalisada como complementador em construções de complementação verbal. [Ex: disse-lhe para vir jantar.];
- É um complementador cuja função é de introduzir um constituinte frásico, que ou é iniciado pelo complementador *que* sendo a oração finita, ou não comporta tal complementador, surgindo então uma oração infinita. [Ex: fugiste para que ele não te visse. Ou: fugiste para ele não te ver.]

Seguindo a ideia das autoras acima referidas, podemos ver que nas frases 1, 3 e 4 (Quadro 1), ainda na primeira coluna, os sintagmas “*para atayaka mati*”, “*para atsakistanuna*” e “*para akuva atahinyentyentsa*” não são complementos dos verbos: *kuvitana*, *kuyendla* e *kuvitana*, respectivamente e a preposição *para* funciona como introdutor de constituinte frásico que exprime um fim.

Nas frases 2 e 5, os sintagmas “*para usiyela Xihwiwa mpunga*” e “*para nuna*” são complementos dos verbos *kulava* e *kusveka*, respectivamente. Na frase 2, *para* funciona ou é reanalisada como complementador, visto que, segundo as propriedades de *c*-selecção, o verbo em causa selecciona um sintagma nominal [-SN], mas nesta frase selecciona um sintagma preposicional [-SP]. Diferentemente do que acontece na frase 2, na 5 *para* é reanalisado como complementador, uma vez que, nesta frase, o verbo selecciona dois complementos, um [-SN] “*huku*” com o papel de tema e o constituinte *para nuna* com o papel de alvo/beneficiário.

O verbo “*kusveka*”, segundo a sua estrutura argumental, selecciona dois argumentos que são um [-SN] externo com o papel de agente, e um [-SN] interno com o papel de tema. No caso da frase 5, estamos perante uma “extensão verbal”.

Sambeek (1958) e Dembete Mbe (1981), citados por Silva (2003, p. 291), apresentam ideias diferentes a respeito de extensão verbal. Para Sambeek, “extensões verbais são sufixos que se ligam aos radicais verbais e que se tornam radicais extensos e que têm significação

relacionada com aqueles comportados pela sua raiz”, e para, Dembete Mbe, são “afixos obtidos pela subtração de um radical simples a partir de radicais extensos relacionados. Estas extensões pertencem ao SV e expandem o signo básico do radical de várias maneiras.”

Segundo Ngunga e Simbine (2012, p. 144), extensões verbais “são morfemas derivacionais que afectam o significado de um verbo dando-lhe as mais variadas matizes”.

Cada uma destas ideias apresenta seus problemas, mas também contributos para a definição de extensão verbal. Começemos apontando o que julgamos problemas.

A definição de Sambeek é problemática, na medida em que considera extensões verbais como “sufixos”. Ora, os sufixos podem ser especificadores, modificadores, derivacionais etc.; neste caso, não se sabe se são todos estes tipos ou apenas um tipo. A segunda peça pelo facto de, para além de falar de subtração de radical simples num radical extenso, ser mais geral, pois inclui também os prefixos. Para a última basta lembrarmos que todos os “afixos” alteram as propriedades semânticas das bases.

Mas todas elas concordam que se trata de um processo morfológico que é a formação de verbos. Portanto, podemos definir extensão verbal como um processo de formação de verbos que consiste em adicionar um sufixo derivacional a um radical, que pode ser simples ou extenso. Este processo afecta não só as propriedades morfológicas, mas também as propriedades semânticas e sintácticas (mas também casos há em que as propriedades sintácticas não são afectadas, por exemplo: tihuku *tidla* [mintsumbula]; tihuku *tidgetetela* [mintsumbula]).

Neste caso, ao radical verbal *-svek-* acrescenta-se o sufixo *-el-* e formar-se o radical *-svekel-* que, por sua vez, acrescenta na estrutura argumental mais um [-SN] interno com o papel de alvo/beneficiário. No verbo da frase em análise, não temos o sufixo *-el-*, mas sintacticamente ele apresenta os argumentos internos: um [-SN] *huku* com a função de tema e um sintagma preposicional [-SP] *para nuna* com o papel de alvo, o que nos permite concluir que a preposição “para”, além de trazer um [-SPpara] na estrutura sintáctica do Changana, elimina o constituinte morfológico *-el-*, pois teríamos estruturas como:

“\*Maria asvekelile huku para nuna. Ou: \*Maria asvekelile para nuna huku”. Por outras palavras, a preposição “para” estaria a co-correr com o sufixo *-el*.

Esta estrutura mostra que – alternativamente à estratégia morfológica, típica do Xichangana – “os falantes usam também uma estratégia sintáctica que resulta de empréstimo ao Português, marcando o papel de alvo/beneficiário através da preposição *para*” (GONÇALVES; CHIMBUTANE, 2015, p. 89).

Observando as estruturas da última coluna em comparação com as da primeira, e em especial para os casos 1,2, e 3, verifica-se que a preposição “para” é um empréstimo que substitui o introdutor frásico “*akuva*”. Importa referir que este conector frásico pode também ser usado como forma de *kuva* ‘ser’ em frases como:

- (i) *Akuva mujondzisi svilava wumbilu*. ‘ser professor requer paciência’.

Chegado aqui, podemos dizer que do ponto de vista sintáctico a preposição *para* entra para o Xichangana como introdutor do complemento frásico em substituição do conector *akuva*, assim como complementador verbal (ocupando o núcleo de sintagma proposicional), em caso de extensões verbais, substituindo o sufixo *-el*.

## Conclusões

Como dissemos na introdução, este trabalho teve como objectivos indicar as mudanças semânticas que a preposição ‘para’ sofre no quando da sua interferência no Xichangana, assim como indicar as funções que ela desempenha na estrutura sintáctica desta língua alvo. No que se refere às mudanças semânticas, observamos que, enquanto no português as expressões ligadas pela preposição *para* podem estabelecer movimento com tendência para limite, finalidade, direcção e perspectiva em referência ao espaço, tempo e noção, no Xichangana, as expressões ligadas por intermédio desta preposição estabelecem somente um movimento, com a tendência para um fim/propósito em referência à noção.

No que diz respeito às funções sintáticas desempenhadas por esta preposição nas estruturas do Xichangana, observou-se que ela é um introdutor do complemento frásico, substituindo o conector *akuva*, e um complementador verbal em substituição do sufixo *-el-*.

O processo de transferência linguística por meio de empréstimos é um dos processos de inovação da lexical que, segundo Machungo (s/d), acontece com a necessidade de preencher uma ausência no léxico da língua que, por sua vez, pode ter várias explicações, como, por exemplo, o aparecimento de novas realidades, modernização da comunicação, interesse estilístico, dentre outras. Estas razões contribuem na facilitação da integração dos empréstimos. O uso da preposição *para* no Xichangana, invés de *akuva*, pode dever-se ao facto de ser mais rápido ao proferir o enunciado, isto é, levamos mais tempo para as frases que têm o conector *akuva*. Pode dever-se também ao desconhecimento da existência desse conector por parte dos falantes.

## Referências

APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. London: Edward Arnold, 1987.

CINTRA, Lindley; CUNHA, Celso. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Lisboa: João Sá da Costa, 2006.

**Dicionário Online de Português**. Disponível em: <[www.dicio.com.br](http://www.dicio.com.br)>. Acesso em: 10 nov. 2017.

FERRÃO, Jorge. A Educação é uma Paixão e muita Pesquisa. **Somos Cultura**. n°1. 2015, p. 6-8. Disponível em: <[https://issuu.com/minerva\\_somoscultura/docs/somoscultura](https://issuu.com/minerva_somoscultura/docs/somoscultura)>. Acesso em: 10 maio 2018.

GONÇALVES, Perpétua; CHIMBUTANE, Feliciano. (orgs). **Multilinguismo e Multiculturalismo em Moçambique**: em direcção a uma coerência entre discurso e prática. Maputo: Alcance Editores, 2015.

GONÇALVES, Perpétua; CHIMBUTANE, Feliciano. Assimetrias da Mudança Linguística em Contextos Pós-Coloniais: o caso do português e das línguas bantu em Moçambique. In: Gonçalves, Perpétua; Chimbutane, Feliciano. (orgs). **Multilinguismo e Multiculturalismo em Moçambique**: Em direcção a uma coerência entre discurso e prática. Maputo: Alcance Editores 2015. p.78-101.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à Linguística Bantu**. Maputo: Imprensa Universitária, UEM, 2012.

NGUNGA, Armindo. **Introdução à Linguística Bantu**. 2. ed. Maputo: Imprensa Universitária, UEM, 2014.

NGUNGA, Armindo; SIMBINE, Madalena Citia. **Gramática Descritiva da Língua Changana**, 2012.

NGUNGA, Armindo. **Interferências de Línguas Moçambicanas em Português Falado em Moçambique**. Revista Científica (UEM), v. 1,p. 7-20, 2012

NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo. **Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas**: Relatório do III Seminário. Col. “As Nossas Línguas III”. Maputo: CEA-UEM, 2011.

MACHUNGO, Inês. **Aspectos da Neologia**. Faculdade de Letras e Ciências Sociais-Universidade Eduardo Mondlane, Não publicado.

MATEUS, Maria Helena Mira, *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**, Lisboa: Caminho, 2003.

MBE, Dambete. **Linguistique africaine**. [S.l.: s.n]. 1981.

SAMBEEK, Jan van. **A Bemba grammar**. Arranged by W.A.R. Gorman and amended by the Publications Bureau Staff. Cape Town: Longmans. 1958.

SILVA, Augusto Soares. Da Semântica da Construção à Semântica do Verbo e Vice-Versa. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês (orgs.). **Razões**

**e Emoção (Vol. 2) - Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003. p. 383-402.**

SILVA, Calane da. **Tão Bem Palavra: Estudos Linguísticos sobre o português em Moçambique com ênfase na Interferência das línguas bantu no português e do português no bantu.** Maputo: Imprensa Universitária. Eduardo Mondlane, 2003

SITOE, Bento; NGUNGA, Armindo. (Org.). **Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas.** Maputo. NELIMO, Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

*Recebido em: 25/05/2018*

*Aceito em: 20/08/2018*